

AS PROPOSIÇÕES DE LILY LAGES NA FORMAÇÃO DA NOVA MULHER NOS ANOS DE 1930

Marcondes dos Santos Lima

Universidade Federal de Alagoas

mcds1@outlook.com

Resumo

O presente artigo é resultado da pesquisa “Acervo Bibliográfico de Docentes Alagoanos” (1840-1960), no qual a proposta é mapear obras raras de professores alagoanos do Império e República, para a transcrição, como forma de preservar a memória literária destes educadores e educadoras que contribuíram para o pensamento educacional. Dentre as obras transcritas tem-se *A nova mulher e o problema da infância (1933)* da professora alagoana Lily Lages. A partir da leitura desta obra, a proposta do texto é suscitar uma discussão em torno do discurso que se tinha sobre a mulher nos anos de 1930, em específico as propositivas em torno de sua condição materna, em que desde o Império até a almejada República, a medicina reforçava ideologicamente a vocação que a mulher tinha de desenvolver o seu lado materno e afetivo. Contudo, neste caso, iremos analisar a concepção de uma mulher, isto é, Lily Lages, que foi presidenta da Federação Alagoana do Progresso Feminino no início dos anos de 1930, e compreender até que aspectos ela se aproxima ou se diverge do pensamento médico hegemônico da época, considerando que durante o documento de sua autoria, a alagoana se posiciona a favor de que a “nova mulher”, por ela apresentada e defendida cumpra com os seus deveres maternos de forma integral, para que a criança desfrute de condições favoráveis que contribua para o seu pleno desenvolvimento biológico e mental. O marco temporal desta discussão se desdobra no contexto dos anos de 1930, por considerar a data de publicação da obra em 1933. Para relacionar o nosso objeto de estudo, a obra *A nova mulher e o problema da infância (1933)* ao contexto histórico da época, nos apropriaremos da escrita de Cynthia Greive Veiga (2007), que nos ajuda a compreender o período selecionado; Estevão Pinto (1932) e Humberto Bastos (1939) que nos auxilia a estudar o contexto educacional alagoano. Acerca das orientações-metodológicas tomaremos como referência historiográfica Marc Bloch (2001), que discute as especificidades da prática historiográfica; Peter Burke (2005) e Sandra Jataí Pesavento (2014) que fazem uma discussão sobre a escrita historiográfica numa perspectiva da História Cultural, considerando as suas especificidades e interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento. Assim, podemos apontar que Lily Lages na obra *A nova mulher e o problema da Infância (1933)*, tece um discurso em defesa de esta “nova mulher”, dominar os conhecimentos científicos, na condução dos cuidados para com as suas crianças em seus primeiros anos de vida.

Palavras-chave: A nova mulher e o problema da Infância – Lily Lages – Discurso – Anos de 1930.

Considerações iniciais

A obra *A nova mulher e o problema da infância* (1932), da escritora Lily Lages, foi publicada no Estado da Bahia, tendo sido fruto de uma conferência realizada em Maceió no ano de 1933, no Teatro Deodoro. Na obra Lages discorre sobre os cuidados que a mulher deve ter durante o período materno, e das condições de saúde e higiene que a criança precisa ter para o seu pleno desenvolvimento físico e mental.

De acordo com o historiador inglês Peter Burke, o termo biografia é definido como a grafia da vida, termo comum desde a Grécia antiga. A escritora Vavy Pacheco Borges nos diz que “A história é a história do homem, visto como um ser social, em sociedade.” (1993, p. 48). A historiadora alagoana Arrisete Cleide de Lemos Costa (2014) considera que a biografia é a narração da vida de um indivíduo, e complementa tomando como base Jacques Le Goff de que a biografia histórica é a narrativa de uma vida, perpassada em torno de certos acontecimentos individuais e coletivos.

Maria José Salgado Lages (1907-2003) filha de José Gonçalves Lages e Maria das Dores Salgado Lages foi conhecida no meio acadêmico e literário de sua época como Lily Lages. Nasceu na cidade de Maceió em Alagoas, onde durante a sua infância estudou no Colégio Coração de Jesus, e fez posteriormente exames preparatórios para o Liceu Alagoano, na época a instituição de ensino secundário mais almejada pelos filhos da elite alagoana; e em Olinda estudou na Academia Santa Gertrudes. A carreira profissional da alagoana se tornou proeminente quando se graduou em 1931 na Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, e em 1936 se tornou professora da mesma instituição. Em 1975 ela se encontrava no Rio de Janeiro onde lecionava a disciplina de Otorrinolaringologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Em síntese a formação da médica e professora alagoana se deu em Alagoas, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. Sendo que, no último Estado pôde intensificar a sua atuação enquanto médica e escritora. Lages publicou consideráveis obras, dentre algumas delas, citamos: *Arthur Ramos: e sua luta contra a discriminação racial* (1997); *Otologia Legal e do Trabalho (Fraturas labirínticas)* (1957); *Menores Abandonados e Delinquentes* (1937). Além de ter colaborado na produção e publicação de artigos no Jornal de Alagoas e na Gazeta de Alagoas.

Diante do quadro de formação esboçado sobre a escritora Lily Lages, consideramos que a sua atuação na prática da escrita se deu em dois campos distintos: a medicina e educação/sociedade. Muitas obras a escritora Lages publicou sobre medicina, sendo a sua área de atuação enquanto professora universitária. A obra *A nova mulher e o problema da infância* (1933) se comporta no campo da educação da criança, com ênfase na educação materna, o que integra o campo da Pedagogia.

O ideário de formação da *nova mulher* no tratamento materno

A escritora inicia afirmando que estes dois sujeitos: mãe e filho não têm recebido o devido valor e investimento por parte dos governantes responsáveis pelo seu bem-estar social. Lages se colocava como crítica desta problemática da década de 1930 em Alagoas. É evidenciada uma militância de sua parte em defesa da integridade física e moral da mulher nos cuidados materno. Esta militância pode ser justificada, no cargo em que ocupou como presidenta da Federação Alagoana do Progresso Feminino no início dos anos de 1930.

O Estado alagoano, segundo a escritora, progrediu em termos econômicos, contudo, o tratamento dados aos humanos caminhava a passos lentos, tornando o homem vítima de si mesmo.

Pobre humanidade, victima paradoxal do progresso estupendo que realizou! Descansam os braços, pela criação das machinas; encurtam-se distancias, singrando-se os ares infinitos... Mas este desconcertante evoluer, produziu a horda enorme dos sem trabalhos, desamparados, desesperados, famintos e sem lar... (LAGES, 1933, p. 2).

De acordo com o educador alagoano Humberto Bastos (1939) não somente a sociedade alagoana cresceu economicamente, com a produção de açúcar, como também a população desvalida sofria as mazelas de uma injustiça social por parte de uma elite latifundiária. Lily Lages (1933) complementa que, os que tanto se apegavam aos bens materiais, abatiam seus irmãos com a penúria, a dor, a sede até chegar à morte, aumentando o contingente de inválidos. Outro alagoano que tratou do referido período, foi Estevão Pinto (1932), que complementa sobre as críticas aos problemas sociais do Estado brasileiro, como a distinção ente as classes sociais que favorecia a uns a marginalizava a outros. Quanto ao amparo da Lei, deixava os menos favorecidos a mercê das instituições públicas.

Lages (1933) afirma que diante destes reveses sociais, somente a solidariedade humana seria capaz de aplacar os vieses da sociedade, como a criminalidade, morte, violência, numa espécie de antídoto. Segundo a autora, mesmo que a solidariedade fosse algo escasso entre os homens, se fazia necessário á união de todos em um só propósito, a começar por uma reforma no tratamento que é dado a mulher alagoana, e a humanidade começaria a reconhecer as necessidades e aspirações de seus semelhantes.

E uma dessas necessidades seria a atenção prestada a maternidade da mulher, visto que a criança no dizer da autora era a esperança para findar todos os males, em que a educação deveria se iniciar desde a mais tenra idade, abarcando o cuidado com o corpo da criança até o aspecto moral.

A vida do infante está intimamente relacionada á da mulher. Vemos admiravel interdependencia biologica desde o inicio da concepção ao termo natural da gestação entre a mãe e o filho. Altruismo physiologico de que nos fala Nemilow; altruismo divino que divinisa a criatura. “A natureza estabelece no corpo materno, escreve o eminente Prof. De Leningrado, uma ditadura implacavel do fructo da fecundação, absorvendo todas as suas energias para a proteção do minusculo germe exigindo em seu favor o sacrificio inexoravel da propria individualidade (LAGES, 1933, p. 4).

Mas vale ressaltar que, a atenção que Lages dá a formação da criança não dever ser entendido como o centro da obra, pois os cuidados maternos dirigiam-se tanto a mãe quanto ao bebê, pois na concepção da autora, os cuidados começam antes da criança nascer, isto é, com a mãe.

O pensamento de Lages (1933) se articulava em parte com outros destacados pensadores da educação no período, entre Lourenço Filho (1939). Ele colocava a criança no centro de todo o processo educativo, sobretudo com o desenvolvimento da Psicologia e Biologia como ciências da investigação da criança. Entretanto, os pais desta criança poucas vezes eram tratados, do ponto de vista dos cuidados de que também careciam. O médico e antropólogo Arthur Ramos era o que mais se aproximava desta concepção, ao escrever *A criança Problema* (1939). No ver de Lages (1933) a mulher tende a tomar os cuidados imprescindíveis para que esta criança nasça com saúde, não sendo a mãe, portanto, negligente consigo mesmo, quanto á alimentação, onde deve comer o suficiente e evitar a fadiga.

Estas reivindicações feitas á mulher quanto ao cuidado do corpo, foram correntes principalmente nos primeiros decênios do século XX, sendo um período interpretado e marcado pelo discurso de que caberia haver uma reformulação nos quadros de formação da mulher, em que ela adquiriria hábitos mais caseiros de detrimento do intelectual.

Lily Lages (1933) faz referência às atenções que se deve dar a criança, desde o aspecto físico até o moral, mas, sobretudo, o último. E defendia a importância desta mãe ser portadora de um saber especializado para os devidos cuidados imprescindíveis para com o seu bebê. Caberia a ela, não cuidar de sua criança por sorte, como de costume, mas por sabedoria, tendo conhecimentos da pedagogia, como também da higiene.

As implicações do discurso higienista nas proposições de Lily Lages em torno da formação da nova mulher no cuidado com a infância

Com base em Cynthia Greive Veiga (2007) a definição das ideias higienistas no início da República estabeleceu uma nova conduta social dos sujeitos, numa espécie de limpeza moral que abarca a mentalidade pueril dos desvalidos, como também da higienização dos espaços públicos. A intenção era extinguir a heterogeneidade de povos, para uma homogeneização de uma classe civilizada, época esta em que os médicos ditavam como seria a educação, diferentemente dos docentes da época que eram normalistas, e que, portanto não eram vistos como autoridade na área de educação, a não ser no aspecto administrativo.

A partir da leitura de Irma Rizzini e José Gonçalves Gondra (2014) é possível perceber que no início do século XX, a inserção do discurso médico como pedagógico em torno da infância era articulado com a ideia de higienização do corpo e da mente, defendida pelos médicos, sobretudo para com as crianças órfãs, delinquentes e desvalidos. Este rigor higiênico passava por uma educação física, intelectual e moral, tendo assim uma formação integral.

Como muitas mães desconheciam os princípios rudimentares da sociologia e da psicologia infantil, a autora reforça a relevância de se ter um interesse em conhecer as partes do organismo da criança e suas funções. Diferentemente da América do Norte, onde nos cursos primários, as mães já recebiam noções básicas de higiene (LAGES, 1933).

Vale ressaltar, que a ausência de conhecimento das mães em relação ao campo das ciências humanas se justifica pelo fato de Lily Lages (1933) está apresentando um modelo de mulher do povo, uma mãe desprovida de recursos rentáveis, e que por isso não tem em mãos manuais de instrução, que lhe auxiliem a conhecer as fases de desenvolvimento da criança.

Em pesquisa feita por José Gonçalves Gondra e Heloisa Helena Pimenta Rocha (2002) é lido que no século XX os médicos-higienistas se apropriaram de estratégias para difusão de seus experimentos com o apoio da ciência que dava um tom de veracidade aos postulados da ordem médica, como também da imprensa na circulação de folhetos, literatura e guias de higiene. A partir disto, é possível levantar a hipótese de que o conhecimento da área era restrito a um grupo de elite que tinha uma formação acadêmica, e que não alcançava a massa popular.

Consequentemente os médicos terminavam por exercer o posto de vigilantes da saúde mental e moral, a começar nos lares onde se agrupam crianças de diversas condições sociais (RIZZINI; GONDRA, 2014). A concessão aos médicos para que se responsabilizassem pela saúde mental e moral das crianças, era reforçada também pelo discurso que se pregava no período republicano, em que “Por razões biológicas, a medicina social assegurava constituírem-se como características femininas: a fragilidade, o recato o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais.” (SANTOS, 2009, p. 4).

Por mais que estas ideias em torno da mulher fossem comuns, Lages (1933) enfatiza que a “nova mulher”, se for devidamente instruída e assistida, será capaz de solucionar o viés do infanticídio infantil, da criminalidade entre os menores, alcançando assim um progresso humano.

É possível perceber que em todo momento de sua escrita Lages procura apontar a necessidade de a mulher se submeter a uma vigilância médica, seguindo as orientações médicas, para não poupar a criança do leite materno, pois nele está o sangue que dá a vida, evitando doenças e infecções.

Cumprindo ao Estado dar mão forte e decisiva a iniciativa privada, instituindo estabelecimentos onde possam as mães encontrar assistência médica, conforto, curso de higiene e de puericultura, livres de toda a preocupação econômica. E igualmente, para os “bebês” sejam criadas “creches”, onde os componentes vão lhes acompanhando e

evolução reparando-lhes os desvios pathológicos, prescrevendo-lhes a therapeutica necessaria. (LAGES, 1933, p. 11).

Outro ponto discutido pela autora é o suicídio precoce muito frequente na infância. Com base em estudos feitos por Arthur Ramos psiquiatra alagoano, Lages nos diz que em sua pesquisa na Bahia era comum o suicídio infantil, sobretudo entre o sexo feminino, em que na maioria dos casos, foi o resultado de amores não correspondidos.

A questão do ambiente é de fundamental importância para a construção de um bom caráter da criança nos diz Lages (1933). Caso ela habite em moradias com bastante movimento ao redor e com a presença de pessoas viciadas, isto traz danos a sua pureza. Principalmente as crianças pobres que muitas vezes saem a procurar na rua aquilo que não encontram em casa, e as meninas que desde cedo entram no mundo da promiscuidade.

De acordo com Veiga (2007) os espaços públicos com livre movimentação de indivíduos passavam por um processo de higienização, evitando contaminações endêmicas, numa salubridade que iria desde os corpos até os ambientes mais frequentados pela população. Por a criança ter uma fragilidade a autora propõe que esta habite em lares isolados, não com muitas pessoas, evitando assim os contágios, que são muito frequentes nas cidades.

Em pesquisa realizada por Cesário (2007) sobre o pensamento de Montessori, nos dirá que a médica italiana afirma que o ajustamento do ambiente é importante, principalmente após o nascimento da criança, isto porque, ela precisa se sentir atraída pelo meio, caso contrário desenvolverá hábitos de regressão.

Outro agravante considerado pela escritora é o trabalho infantil, em que menores são coagidos a trabalharem nas fábricas e nas ruas, pelos pais que veem nos filhos uma forma de complementar o salário exíguo que recebem. Perdem assim, a alegria de brincar, onde os desfavorecidos atrofiam o corpo e deformam a alma (LAGES,1933). Segundo o alagoano Estevão Pinto (1932), uma das estratégias para formar a mentalidade popular que se ocupa muitas vezes de atividades não produtivas para o seu tempo, se daria mediante a consciência da função social da escola, em dar assistência as crianças pobres, começando pela abertura de escolas em número suficiente para acolher os maltrapilhos.

Estas responsabilidades não somente partiria dos entes governamentais, mas sim, das próprias mulheres, que, no ver de Lages, deveriam ser as mais interessadas em lutar por uma revolução no tratamento dada a elas mesmas como também as suas crianças.

Coragem, companheiras queridas, na batalha sublime em que nos haveis de empenhar ! Attentae bem nos deveres da *nova mulher* na reorganização mundial! Lembrae-vos que a causa da criança deve ser nossa preocupação primeira, e que, salvando-a, talvez cheguemos á redempção da Humanidade ! (LAGES, 1933, p. 24).

Em linhas gerais, a nova mulher é aquela que é ciente de seus deveres enquanto mãe, que não se desvia do seu papel, é aquela que poderá diminuir os incidentes sociais, como o alto índice de mortalidade infantil, forçado por um discurso de que mulher nasceu vocacionada para ser mãe, não podendo rejeitar o seu destino que lhe foi traçado.

Considerações Finais

A partir do estudo feito sobre a obra *A nova mulher e o problema da infância* (1933), podemos apontar que Lily Lages, se colocou na condição de uma militante, que defendeu a assistência que as autoridades públicas dos anos de 1930 deveriam prestar a mulher durante o seu período de gestação. Este cuidado deveria perpassar a mulher e o seu bebê, pois se pensava que se esta mulher recebesse os cuidados necessários, a mesma daria a luz a uma criança forte e com uma mentalidade bem desenvolvida.

Concomitante a isto, entendia-se que esta nova mulher proposta pela a autora, deveria se apropriar dos conhecimentos básicos da ciência, para que assim pudesse se dirigir no tratamento da criança da forma convencional e mais cabível. A escritora entendia que a sociedade alagoana e brasileira deveriam ter como referência os Estados Unidos da América, que presta uma educação materna que preza pelo pleno desenvolvimento infantil, ofertando a mãe condições das mais adequadas possíveis para uma gestação saudável.

Acreditamos que, Lily Lages até um certo ponto, expressa em sua escrita uma certa inclinação, ainda que de forma limitada, as ideias higienistas correntes na época, por entender que a criança deveria passar por uma higiene mental, que perpassaria ao modelamento de uma boa conduta frente a sociedade.

REFERÊNCIAS

BARROS, Francisco Reynaldo Amorim de. **ABC das Alagoas**, 2005.

BASTOS, Humberto. **O desenvolvimento da Instrução Pública**. Departamento Municipal de Estatística: Maceió, 1939.

CESÁRIO, Priscila Menarin. **Quem é a professora de crianças menores de 6 anos para Maria Montessori ? Uma análise a partir de suas obras educacionais**. Universidade Federal de São Carlos: São Carlos (SP), 2007.

FILHO, Lourenço. **Introdução ao estudo da escola nova**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1963.

GONDRA, J. G. ; ROCHA, Heloisa Helena Pimenta . A escola e a produção de sujeitos higienizados. **Perspectiva (Florianópolis)**, Florianópolis, v. 20, n.2, p. 493-512, 2002.
LAGES, LILY. **A mulher e o problema da infância**. Bahia: Livraria Científica, 1933.

RIZZINI, Irma; GONDRA, José Gonçalves. Higiene, tipologia da infância e institucionalização da criança pobre no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, v. 19 n. 58 jul-set, 2014. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v19n58/03.pdf>> Acesso em: < 12 de mar. de 2015>.

PINTO, Estevão. **A escola e a formação da mentalidade popular no Brasil**. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo, 1932.

SANTOS, A. T. . A construção do papel social da mulher na Primeira República. Em Debate (**PUCRJ. Online**),v. 8, p. 1, 2009. Disponível em: < <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/>> Acesso em: < 12 de mar. De 2015>.

VEIGA. Cynthia Greive. **História da Educação**. 1.ed. São Paulo: Atica, 2007.

